

Viajando na cidade, na rede e na cama¹

Eduardo Bianchi²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

No presente trabalho veremos a experiência de viagem de um brasileiro em quatro cidades da Península Ibérica – Lisboa, Porto, Barcelona e Madri. As histórias descritas são baseadas nas práticas sexuais durante a viagem. Tais práticas foram possíveis pelo auxílio mediador das redes geosociais que utilizam tecnologia de geolocalização. Veremos a errância turística, o viajante em contato com as culturas locais e a construção do imaginário pelo jogo da *différance*.

Palavras-chave: Comunicação; cidade; tecnologias de geolocalização; errância; identificação

Turismo sexual, fragmentos de viagem: Europa dos desejanter peninsulares

Com a tecnologia de geolocalização, utilizada em aplicativos de encontros como *Grindr*, *Scruff* e *Hornet*, amigos, companhias e sexo não são difíceis de se conseguir. Nesse trabalho, iremos apresentar uma experiência de viagem, e o enfoque está na particularidade das práticas sexuais que permearam alguns dos dias passados na Península Ibérica. São quatro as cidades que fizeram parte dessa viagem, Lisboa, Porto, Barcelona e Madri. A narrativa será contada pelas experiências empíricas de um viajante brasileiro, mesclando os momentos de turismo cotidiano e o turismo sexual, por uma leitura não da prostituição, comum no entendimento de turismo sexual, mas uma apropriação do termo para se pensar o hedonismo das práticas de prazer mediadas pelos referidos aplicativos em países estrangeiros.

Nossas referências estão no processo de se produzir, de produzir o cotidiano, de produzir as culturas, “cultura no plural” como nos diz De Certeau (2011), pensando pelos transformadores fragmentos que as contemplam. Pensamos o homem em transformação pelos desvios, nos caminhos que lembram o passado, mas que os ajudam nos eternos processos de um por vir, devir formador que nunca chega, que nunca se basta. O novo e a

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação Social pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro PPGCOM-UERJ, mestre pelo mesmo programa. Graduado em jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro FCS-UERJ. Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Arte e Cidade – CAC.

mudança podem estar no desejo do homem comum, mas no caso de uma chama fraca que o motive, ela se inflama pelo outro, no contágio, na vibração da conjunção.

Conforme Stuart Hall, que “nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (p. 44, 2003). A cultura enquanto processo é em si mesma uma ressignificação do que já foi, não uma cópia, mas uma memória que busca no contágio, nas relações do cotidiano, se refazer em si. Esses processos se dão pelo momento, instante, pela conjunção que (re)configura a vida pelas vivências, do estar com o outro, na transformação dos pares.

Estamos, nesse trabalho, pensando esses momentos pelas errâncias, as caminhadas de estímulos orgásticos. Um viajante que busca conhecer a história dos monumentos, dos museus, da arquitetura, mas que para além dessas experiências, também quer fazer suas histórias, construir várias outras memórias, momentos sensíveis que o produzem e o refazem pelo estar em aventura na companhia de outros, diferentes outros, prazeres outros.

O prazer está no deslocar e experienciar o domínio da cidade, do corpo e nas possibilidades de contentamentos no desconhecido. As referências do homem estão no que foi até aqui, momento em que se vive o presente, pela memória afetiva que carrega, mas é no por vir, na incerteza que o viajante se coloca a prova. É no instante errático, do perambular, de tomar os caminhos de suas vontades, de seus desejos, que ele vai para além de si, busca no outro sua transformação, sua mudança, sua identificação pelo compartilhar dos momentos de prazer. Hall acredita que estamos, em nossa sociedade Pós-Moderna, em um “jogo da semelhança e da diferença” (2006). A identificação está no reconhecimento, um sentimento de pertencimento pelo compartilhamento de sensações, de se perceber no outro enquanto desejante, mesmo que temporário. A identificação está ligada aos modos e práticas de se colocar no mundo.

Hall enfatiza o processo de subjetivação de identificação, assim, o autor trabalha o conceito: “... um processo nunca completado – como algo sempre ‘em processo. Ela não é, nunca, completamente determinada – no sentido de que se pode, sempre, ‘ganhá-la’ ou ‘perdê-la; no sentido que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada” (p. 106, 2000). Como processo, a identificação está sujeita ao jogo da *différance*³, reconhecimento do outro pelas semelhanças ou a própria diferenciação que ocorre pelo processo inverso.

³ Hall se baseia em Derrida para falar da *différance*.

Esse jogo, também pode ser jogado pelos desejos, pelos momentos que explodem a sensibilidade da vontade da vivência, de carregar a vida de energia motivadora pelo novo, do *carpe diem* do aqui e agora, da explosão do presente hedonista, do prazer de gozar a vida.

As imagens são fundamentais para entrar no jogo, reconhece-las faz parte do empirismo da vida. Esses imagéticos elementos de pré-conhecimentos podem enganar, surpreender e serem provedoras de prazer. Os imaginários sociais, enquanto construção sensível, por vezes, desconsidera, por desconhecimento histórico ou pelo senso comum, a hibridização da cultura e seus processos de transformação, assim como, as múltiplas e distintas formas de configuração da cultura de regiões que se desconhece, ou que se imagina de uma determinada forma. As imagens que fazemos, são construtoras de nossas realidades, portanto, o imaginário, construído historicamente, quando colocado a prova por situações do cotidiano, pode ser surpreendido, assim o que era dado como certeza, como a imagem da realidade, pode se refazer, desde que nos permitamos, estejamos abertos ao novo.

Um dos momentos que iremos narrar, parte da história do viajante, está ligado ao imaginário de um povo, e nessa história o biótipo físico da “não” representação pode gerar surpresas. A imagem que é vista, na situação que será aqui descrita, não é a imagem que é esperada pela construção social imagética de um brasileiro, ou seja, veremos que, no caso do segundo elemento, há uma previa imagem que condizente de como se imagina um brasileiro. Os elementos genéticos prismáticos não são os mesmos da imagem social que se faz do viajante e de seu povo. Veremos a negociação entre imagem e imaginário. Vemos a presença do “espírito comum”, destacado por Maffesoli, quando não expressamos “nossas próprias ideias, somos porta-vozes, figurantes de um vasto ‘theatrum mundi’” (p.179, 2007). Mas são nos caminhos e desvios que possibilitamos as mudanças, as certezas são colocadas a prova, as dúvidas não consomem o homem, elas estão sendo testadas. O homem que se permite viver no hedonismo, esse homem do presente, não espera encontrar no futuro as respostas, é na errância que o homem participa do jogo de se colocar no mundo, se permitindo ao novo, ao diferente.

A experiência errática, a relação do errante com a alteridade se dá aqui de forma anônima, mas corporificada. A experiência errática seria então um exercício de afastamento voluntário do lugar mais familiar e cotidiano, em busca de estranhamento, em busca de uma alteridade radical. (JACQUES, p.73,2012)

A ação da errância é geradora da ação e reação, próprias do processo empírico da vida. A errância está nos movimentos de ir e vir, carregados das raízes formadoras, raízes moventes, que não prendem, mas que dão suporte, estrutura para o por vir. A errância “se aplicará a gozar, no presente, o que é dado ver, e o que é dado viver no cotidiano, e o que achará seu sentido numa sucessão de instantes, preciosos por sua própria fugacidade” (Maffesoli, p. 29, 2001). As raízes são parte fundamental em um nômade, para que sempre que sentir necessidade possa retornar, não na origem, pedra fundamental, mas nas emoções que o motivam, “uma negociação com novas ‘rotas’” (Hall, p. 109, 2000).

As “rotas”, os caminhos que nos motivam o deslocamento, são próprias do homem que se lança às novas experiências, ao desconhecido, não em uma busca objetivada, suas motivações são outras, diferentes de um fim, não há a obrigatoriedade de se chegar em algum lugar. As “rotas” próprias do homem, do nômade, que perambula e negocia sua presença pelos caminhos que passa.

...podemos entender através de todas essas figuras nômades que recusam a estabilidade sexual, ideológica ou profissional. Nomadismo multiforme que remete assim a um pensamento vagabundo que saiba, justamente, acompanhar os meandros da socialidade. (MAFFESOLI, p. 196, 2003)

Os meandros são a parte constituinte do processo errático, uma saída do “eu” na busca do “nós”, são caminhos traçados, e seus desvios são as escolhas, os processos de identificação provedores da conjunção do homem que se permite ao nomadismo.

Assim a liberdade do errante não é a do indivíduo, ecônomo de si e ecônomo do mundo, mas exatamente a da pessoa que busca de um modo místico “a experiência do ser”. Essa experiência, e é por isso que se pode falar de mística, é antes de tudo comunitária. Precisa, sempre, da ajuda do outro (MAFFESOLI, p. 69, 2001).

Há, segundo Hall, na fragmentação cultural da sociedade pós-moderno, uma multiplicação dos “sistemas de significação e representação cultural” (p. 13, 2006) e, por conseguinte, múltiplas identificações possíveis. Para o autor, houve um descentramento, uma abertura das identidades, que se tornaram contraditórias, inacabadas, ou seja, processos. Fragmentadas, pelas condições sociais e culturais contemporâneas, moventes em meio às multiplicidades de possibilidades de modos e estilos de se colocar no mundo. Esse é, para o autor, o ambiente em que se encontra o homem pós-moderno (Hall, p.46, 2003).

Chamamos a atenção para as práticas comunicacionais do nômade que, em seu processo de caminhos e desvios, no deslocamento pelo e no reconhecimento cultural. Esse homem caminhante se arremessa em diferentes modos de se produzir linguagem. Veremos

práticas de se fazer presente mediante o lançar mão da criatividade pela necessidade de se fazer entender.

Veremos nas histórias que se seguem, como o viajante utilizou de diferentes recursos comunicacionais no intuito de se fazer compreender: Universalização do uso de língua estrangeira como elo interativo (inglês e francês), criação de linguagens que empregam diferentes línguas em uma mesma oração linguística (“Portunhol”⁴ e derivações), imagens de diferentes naturezas compartilhadas pelas redes geosociais e o corpo como principal elemento comunicativo nas relações. Foram recursos pró prazer.

Décimo andar, dois lances de escada, afinal, “pra que esperar o elevador”

Depois de um primeiro cansativo dia na capital luso, de longas caminhadas pelas históricas ruas lisboetas, de um almoço, que mais parecia um jantar pela adiantada hora do dia, um banho e um rápido descanso. Deitado na confortável cama e conectado pela rede *wi-fi* do hotel, porque o 3G da operadora internacional, Lycamobile, insistiu em não funcionar o dia inteiro, o *Hornet* informa que uma mensagem chegou. A imagem de um rapaz de 25 anos, 180 cm, 70 kg, loiro, bronzeado, dentro de uma piscina aparece na tela do *smatphone*. O nome do rapaz que aparece no perfil da rede social era apenas “Me”, na descrição apenas “Just say hi ;)”, e foi assim que ele iniciou a conversa com essa breve saudação “Hi”.

De Tallinn, capital da Estônia, quebrando com a imagem de pessoas muito alvas provenientes dos Bálticos. O rapaz, que estava visitando a Península Ibérica pela primeira vez, já havia passado por Córdoba, Sevilha, Granada, Madri e Barcelona. Demonstrou interesse pelo viajante brasileiro, que em um primeiro momento, foi questionado se realmente seria brasileiro. Branco, alto e arruivado não são, para o rapaz do leste, características típicas de um brasileiro. Questionado como seria um brasileiro, ele diz que um brasileiro é como o Neymar. E como contra partida, pergunta: “Como você é assim?”. O nariz alongado é da família paterna, descendente de italiano, os pelos arruivados são da família materna, de descendência alemã.

Imagens começam a serem trocadas. A primeira é uma imagem do rosto, confirmando sua beleza, um tipo clássico de rosto da região de origem. A segunda fotografia revela as preferências nas práticas sexuais, uma leve penugem aloirada na bunda não muito grande mais aparentando ser firme, passa a ser objeto de desejo do brasileiro. A

⁴ Portunhol é um linguajar que utiliza a língua portuguesa e a língua espanhola misturando-as durante uma conversa.

terceira é um corpo de braços em uma cama, pernas abertas, mas com centralização da imagem no “cuzinho rosinha”, sem pelos, liso como um efebo deveria ser, pelo menos é o que acredita ser a imagem de um no imaginário do compatriota de Neymar.

Solicitada a localização. Mesma rua. Qual o número do seu hotel? O mesmo? “É muita sorte”. Apenas dois lances de escada. O brasileiro no oitavo e o estoniano no décimo. Um no 814 e o outro no 1003. As práticas de errância em harmonia com os desejos convergem os caminhantes à vida, munidos com a tecnologia de geolocalização. Saindo do seu quarto, se dirigindo ao elevador, vê que o elevador estava no andar da recepção, o brasileiro decide subir as escadas. “Pra que esperar tanto?”.

O rapaz atende a porta usando apenas uma *jockstrap*⁵ branca. Dalí um longo beijo se inicia, com passadas de mão pela bunda exposta pela ausência de pano na parte traseira da cueca. O brasileiro fecha a porta com o pé, as mãos estavam ocupadas contornando o corpo liso de seu novo amante.

Língua fragmentada: os recursos provocados pelos desejos

Um madrileno, que vive em Paris e a trabalho em Lisboa, estava hospedado no sétimo andar de um hotel quatro estrelas na Avenida 5 de Outubro, próximo a Praça Duque de Saldanha. Uma conexão é estabelecida, inicia-se uma rápida conversa com o turista brasileiro que estava hospedado a poucas quadras dali, na Avenida Casal Ribeiro. A conversa se inicia pelo aplicativo *Scruff*. A comunicação foi estabelecida utilizando o “portunhol” como língua, nenhum nem o outro falavam as línguas nativas dos seus respectivos interlocutores. Quando necessário, ou seja, quando o “portunhol” passa a ser um complicador, o francês foi usado como recurso de comunicação, e a conversa, por mais que parecesse estranha, fazia sentido com as salpicadas palavras em francês.

Depois de se entenderem pelo aplicativo, analisarem informações pessoais como: altura, peso, idade, trocaram imagens e informações sobre as preferências sexuais – posição de preferência no sexo: ativo, passivo ou versátil – o brasileiro é convidado a visitar o espanhol. Assim, começa o processo. Banho, não muito demorado, mas com total garantia de limpeza, desodorante, escolha minuciosa de uma cueca, esta sendo para ele um elemento fundamental no jogo de sedução, calças jeans, uma camisa xadrez, ligeiramente amassada por ter sido tirada da mala de viagem, perfume é fundamental, uma jaqueta de couro marrom por cima, cachecol que lhe envolva o pescoço e, por fim, um gorro. Estando

⁵ Um tipo de roupa íntima masculina que apresenta a parta frontal, mas que deixa à mostra a parte traseira.

pronto, desce até a recepção e pede orientações de como chegar na Avenida 5 de outubro, ele tinha olhado no GPS, mas achou melhor confiar na orientação de um local. Detendo o conhecimento passado pelo recepcionista da madrugada, começa a caminhada de 500 m. Era uma noite de outono avançado, o ar estava frio, o vento penetrava a camisa, mas não chegava a incomodar, estava longe do calor que ele está acostumando a sentir nessa época do ano, a primavera do hemisfério sul. Começa a subir a Avenida Casal Ribeiro até a rotatória, Praça Duque de Saldanha, atravessando-a até a Avenida Praia da Vitória que lhe leva até a Avenida 5 de outubro, atravessando-a e virando a esquerda se depara com o hotel de destino.

Todo esse processo, da identificação do perfil na rede social, toda a aparente dificuldade com a comunicação, a aventura de se jogar pelas ruas lisboetas pela madrugada, chegar à porta do hotel, que ele atravessa como se fosse um hospede, assim foi orientado pelo espanhol, até bater a porta e essa ser aberta pelo seu anfitrião, fizeram parte da construção do imaginário de Lisboa. Por todo esse processo de produção de sentido e mais a experiência sensível que estava por vir, Lisboa deixou de ser apenas os pontos turísticos visitados pela manhã, o famoso pastel de Belém e a língua ensopada do jantar, a cidade se redimensionou quando o brasileiro atravessou a porta do quarto de um estranho madrileno.

Caminhos da madrugada: cerveja, erva e um gato

A cidade do Porto é um encanto pelas suas subidas e descidas, ladeiras de paralelepípedo que levam os caminhantes a bela Catedral medieval da Sé. Que os guiam pelas vitrines repletas de pães que imploram por serem devorados acompanhados de um café. Esses paralelos encaminham os visitantes, por várias vezes durante o dia, às senhoras que batem os tapetes pelas janelas, socando-os e marcando a parede do lado de fora dos pequenos edifícios de dois ou três andares. São eles que guiam para as experiências religiosas, mesmo que o visitante não tenha em sua proposta de viagem a espiritualidade. São tantas as igrejas, são tantos os vitrais e os típicos painéis de azulejo com temáticas religiosas, que é quase impossível a não admiração, se não pela relação espiritual, pela beleza histórica e estética da onipresença dessas obras, uma ubiquidade que convida os visitantes a contemplação.

A cidade do Porto é pequeno, aconchegante e bucólica. É por sua ponte, D. Luís I, que liga de um lado a Muralha Fenandina e do outro os pés do morro do Mosteiro da Serra do Pilar, do lado da cidade que tem nome de vila, Vila Nova de Gaia, que uma noiva desfila

fazendo o *book* de seu casamento. Gaia e Porto, para um turista menos atento, se misturam, mas é bom ter cuidado e não se enganar, há uma rixa histórica entre as cidades vizinhas, a história do famoso vinho.

Mas nem só de bucolismo vive os casarões do Porto. Durante o dia, um café em um lindo salão espelhado, durante a noite, música eletrônica, roupas pretas, muito couro e um chicote ou outro desfilavam pelo salão. Nikdel indicou o lugar para o viajante brasileiro. Nikdel é alemão, país natal de sua mãe, estudou filosofia na Universidade do Teerã, cidade de origem de seu pai, hoje é professor na Universidade do Porto.

Nikdel estava em um jantar com seus amigos portenhos, quando foi alertado com o vibrar de seu *smatphone*, era o *Scruff* que inicia a mediação de mais uma conversa. O brasileiro foi atraído pela imagem do perfil, um cara bonito, com barba negra, um anu⁶ não seria tão negro. Era alto, pela indicação do perfil, 187 cm, magro 77 kg e tinha aquela linda barba negra.

Depois de uma conversa, o entendimento do que estaria por vir, mediante as preferências sexuais, o encontro é acertado, dessa vez teria um encontro prévio. Local, Café Lusitano⁷, que já teria sido um armazém de cereais e uma gráfica e que conserva parte de sua arquitetura eclética internamente.

Nikdel:

- Me encontra no Lusitano.
- Sabe onde fica?
- É um café, vai ter uma festa hoje.
- Acho que vai gostar.

O visitante não sabia, mas nada que uma pesquisa no Google não pudesse resolver.

Na entrada do Lusitano, uma bela porta de madeira, dois seguranças bem vestidos e uma *hostess*⁸ usando um short curto preto, uma meia arrastão também preta, um sutiã roxo (ou parecia, pois estava escuro) e uma jaqueta curta de couro, claro que da cor preta.

O brasileiro chega, se dirige até o bar, bebe um, dois, três, quatro chopes, ou “fino”, como os portuenses chamam a bebida, e nada do rapaz de barba negra chegar. Nesse momento, o 3G da tal operadora internacional funcionava, mandou uma mensagem para o professor alemão querendo saber de seu paradeiro, o visitante não queria perder a noite. Na

⁶ Ave O anu é uma ave, que dentre suas cores pode ser preta, com o nome de anu-preto, referência que está sendo levada pela descrição narrativa. Essa ave também é conhecida como anu-pequeno e coró-coró.

⁷ <http://www.cafelusitano.com/>

⁸ Um tipo de atendente, recepcionista de festas/eventos

festa do Lusitano tinha muita gente diferente do perfil de sua preferência, mas isso não o impediria de ter novas experiências erráticas. Homens fortes, barbudos, suas roupas de couro e com suas caras de maus podem facilmente fazer parte dos fetiches do brasileiro viajante. Afinal, um tapinha nem sempre dói. Pouco tempo depois uma mensagem informa: “Estou na porta, vem aqui”.

Os dois decidem não mais participar da festa do Lusitano, a festa será em outro lugar, na casa do Nikdel. Caminhando pelas ruas do Porto, vão conversando sobre suas vidas e passando por vários bares, repletos de jovens locais e estrangeiros. Mais de dez minutos se passaram desde que começaram a caminhar e nada de chegar na referida casa. Até que o visitante reconhece o lugar onde estava, em frente à Casa da Música, havia passado por lá durante o turismo matutino. Nikdel mora em um edifício de três andares perto da estação de metrô Casa da Música.

Na espaçosa sala, apenas uma luminária de chão acostada ao lado do sofá é acesa, ela e a luz acesa da cozinha, que estava acesa ao chegarem, iluminam o ambiente. Entre conversas e cervejas, um baseado para descontrair. Um gato passa entre as pernas. O ritualístico passar entre as mãos, os tragos vão entre beijos, a fumaça passa entre as bocas que se beijam, toda inalação ajuda a relaxar o corpo e a mente. O gato assiste a cena. A performance da oralidade dos sons que narram os prazeres dos corpos que se desnudam, se beijam, se tocam, mia, desiste e se retira. Os corpos se matem em elo entre abraços e beijos, os corpos se constroem e se colocam pelos suportes do imaginário que lhes representam, se colocam em suas posições e produzem sentido pelos orgasmos dos sentidos, todos eles em função do outro corpo e por si mesmo, corpos unidos, siameses pelo gozo.

Um urso e seu bramir, ou seria um miado?

Nos bares, nas sacadas, nos postes, por toda parte, Barcelona era listras amarelas e vermelhas. Todos os dias os jornais locais tratavam da mesma coisa, o pleito na Catalunha. Um povo mobilizado carregava a “Senyera”⁹ para onde fosse. Nas mochilas, no peito, em lenços amarrados nos pescoços ou nos pulsos. A bandeira da Catalunha desfilava pelas ruas, clamando por sua soberania. Essa poderia ser a força da identidade nacional, mas está para além disso. A força está no não reconhecimento espanhol, na diferenciação com a capital, Madri. Essa era a ambiência das ruas, mas não por todo tempo. Há sempre o momento da frivolidade prazerosa.

⁹ Nome como é conhecida a bandeira catalã.

Já passando da meia noite, o brasileiro decide se divertir na noite catalã e pede um taxi na recepção do hotel.

- Pode me levar em um bar gay?¹⁰
- Pois não. Mas qual quer um?
- Um animado.
- Te levo para um lugar que tem algumas opções, ok?

Na altura do número 233, na rua Consell de Cent, localizava-se o *Plata Bar*. O lugar era bem interessante, bonito, aparentava ser novo, mas vazio. O brasileiro decide sentar e esperar o movimento. No bar dois atendentes, muitas mesas vazias e um casal que conversava em uma mesa do lado de fora. O lado de fora foi a escolha do visitante. Estava uma noite agradável, mas o vento frio, vez por outra, incomodava. Mais um casal chega, mas fica nisso mesmo. O bar não iria encher naquela noite. Uma cerveja já tinha sido bebida, uma segunda estava pela metade e nada de chegar clientes. Do lado de fora era possível ver um lugar onde muitos entravam, mas ninguém saía. A curiosidade bateu. O que tem ali?, pergunta o brasileiro. É uma sauna, responde o garçom do bar. É boa? Indaga o visitante. O garçom fica ligeiramente corado e de forma afirmativa balança a cabeça. Uma possibilidade paira no ar.

Ainda bebendo sua segunda cerveja, decide entrar no *Grindr*. Ilusão, esqueceu que o 3G não estava funcionando. Alias só funcionou na cidade do Porto. Pergunta ao tímido garçom se o bar tinha rede wi-fi, e ele lhe passa a senha.

Um homem forte, parrudo, um típico estereótipo de “urso”¹¹ mostrava os pelos do peito na sua foto de perfil. Um catalão de tirar o folego. 180 cm, 90 kg. “Um gostoso”. Estava a poucos metros do bar. A conversa não se estende. Já era tarde e o urso precisava acordar cedo. “Mas sempre da tempo de uma trepada”, afirma o brasileiro.

Paga a conta, vai ao banheiro, certifica-se que está tudo bem. Pronto para mais uma noite de prazer, mas agora com um nativo de verdade. O espírito do turismo sexual lhe bate.

Rua Muntaner 76. Um edifício eclético de esquina, como muitos em Barcelona. Embaixo, algumas lojas, mas pelo horário estavam fechadas. Toca o interfone, do outro lado uma voz que lhe pareceu diferente do esperado, um pouco fina, a imagem do homem ajudava a construir um imaginário mais viril e aquela voz não era exatamente, para o viajante, sons de virilidade. Isso não era exatamente uma questão que o incomodaria,

¹⁰ Esse diálogo foi todo em portunhol, o motorista não falava outra língua.

¹¹ Um dos tipos de gay. Homens peludos, fortes, não necessariamente gordos, mas não magros.

contudo, mesmo na errância, na vagabundagem do nomade pós-moderno, as construções sociais se fazem e se refazem, mas são geradoras, em alguns, casos de pesares.

Se jogar na vida é um risco, o inesperado trabalha com inúmeras possibilidades, trabalha nos fragmentos culturais, assim, se permitir experienciar pode ser desastroso ou orgástico.

Um elevador vazado no meio do edifício, cercado por uma grade verde, circunscrito espiraladamente por uma escada larga de corrimão dourado. No interior, uma antiga porta sanfonada de metal dourado, muito bem polido, precisava ser manualmente aberta e fechada, o dourado brilhava, era quase um espelho.

O urso recebe o turista apenas de bermuda, sabia jogar com o que tinha de melhor, o peitoral peludo, não de pelos longos, mas aparados, não espetavam que os tocassem. Os pelos tomando toda extensão do tórax e desciam até a cintura, a visão era impedida de continuar pela bermuda. O abdômen marcado pela academia de outros tempos, não estava trincado¹², como se diz, mas estavam presentes suas ondulações da musculatura abdominal. Aparentava ter dois ou três centímetros a menos do que na descrição. “Mas quem tem uma fita métrica nos olhos?”

O apartamento era interessante, a sala tinha um formato peculiar, lembrava um leque aberto, o que era fácil de entender. Era um edifício de esquina e a sala ficava exatamente na “curva”. Móveis brancos, uma decoração bem *clean* em um apartamento de janelas que iam do teto até o chão. A arquitetura da edificação contrastava com a decoração, essa contrastava ainda mais com o seu morador.

As mãos se estendem em cumprimento.

– Vamos para o quarto?

A voz realmente não combinava com ele.

Uma cama grande, com lençol branco, mantendo a linha *clean* da decoração. Sobre ela, preservativos, dois anéis penianos¹³, um tubo de gel lubrificante anestésico um pênis de plástico.

“Gemia fino, era quase engraçado. Não sabia se continuava comendo ou ria. Tive que virar ele, colocar de quarto pra me concentrar. Ele pedia pra apanhar e gemia. Não, ele praticamente miava.”

¹² É uma expressão para se referir a musculatura bem definida, sinônimo de “sarado”.

¹³ Um anel, nesse caro de borracha, que é usado para prolongar a ereção. Ele é colocado entre os testículos e a base do pênis.

A construção da imagem de uma pessoa, a forma como é exposta, é geradora de leituras, de seus desejos, de como quer ser reconhecida. A persona é a conjunção de sua materialidade e sua imaterialidade. As imagens, construídas por elementos, signos que a representam, podem ser reveladoras, podem ser símbolo de confiança, comunicação dos desejos, das vontades, imagens de comunhão. São as observações primárias, o primeiro elo, essa primeira ligação é parte fundamental da teatralidade social.

Para o viajante, faz necessário o domínio de alguns códigos e alguns modos, práticas de comportamento social, que, nesse caso, para ele, deveriam condizer com a imagem do perfil do “urso”. Contudo, como já ressaltado no início do texto, o homem contemporâneo tem suas idiossincrasias, não pela necessidade de individualização plena, mas por todas as partes que o contemplam enquanto ser social em processo, em seu devir. Assim, o brasileiro passa a (re)configurar o imaginário de seu desejante, não só pela imagem do “urso” forte e peludo que estava no perfil da rede social, mas pela experiência sensível construída pela estética do ambiente e do parceiro, pelas éticas, enquanto práticas sociais/sexuais, das expressões nos desejos de ser dominado, das falas e dos gemidos.

Em uma fria noite madrilena: vinho, sexo e droga

A noite madrilena, o ar estava bem mais frio que nas outras cidades, as pessoas estavam bem mais acasacadas. O vento provocava uma sensação térmica de temperaturas mais baixas do que os termômetros teimavam em marcar.

Em um restaurante, ocupando uma mesa do lado de fora, mesmo estando frio, foi a escolha do viajante. Ver se ser visto é importante no bairro Chueca¹⁴. Esse é um lugar com forte presença de gay na cidade de Madri. Para compensar o desafio de estar no frio, um vinho foi indicado pelo dono do restaurante, um senhor muito simpático, próximo aos 70 anos, acompanhado de presunto defumado, pão e um vidro de azeite

A garrafa secou e o presunto acabou. Usando o *wi-fi* do restaurante, o brasileiro viu que um madrileno entrou em contato pelo *Grindr*. O homem tinha 30 anos, barba (ponto positivo para ele), um corpo não exageradamente forte, mas bem marcado de academia, cabeça raspada e olhos claros. Com seus 178 cm e 74kg, o rapaz foi rapidamente respondido. Ele estava a menos de cem metros de distância.

A distância se encurtou.

– Quer beber alguma coisa?

¹⁴ Bairro da cidade de Madri, conhecido por ser um reduto gay.

– Uma água, por favor.

– Não quer um vinho?

O brasileiro, que já tinha bebido uma garrafa, reluta, mas acaba aceitando.

Na primeira taça, a conversa vai, uma segunda, e a conversa vem. Na terceira taça, o brasileiro lembra de estar sem a parte de cima da roupa e seu anfitrião lhe lambia o mamilo. A imagem lhe era turva, mas de total consciência. O careca estava abrindo um vidro de *poppers*¹⁵ e, em seguida, inala.

– É pra relaxar o cu.

Ele era insaciável. “Uma pirueta, duas piruetas. Bravo, bravo”. Mais *poppers*. A noite foi estendida, a madrugada longa, muitos foram os orgasmos. Um vidro secou.

O prazer, o compartilhamento dos momentos orgásticos, possível no reconhecimento dos corpos, dos desejos, do outro e com o outro. É no jogo da diferença, mas no respeito pela diferença que o *poppers* pode ser usado por um, sem que o outro se sinta obrigado. O prazer está na doação. O gozo está na conjunção, no perceber o outro como sua própria parte, o prazer dele será o prazer de quem o faz, a sensação de satisfação gerada pelo clímax, se estende e perpassa pelos corpos conectados.

As diferentes práticas de prazer do viajante brasileiro contribuíram para construção das imagens que compõem o imaginário da viagem. Para ele não será possível lembrar dos pastéis de Belém que comeu em Lisboa, sem se lembrar dos quartos dos hotéis, não será possível lembrar das ruas noturnas de Porto, sem se lembrar de seu amante alemão. Impossível será lembrar da calorosa ambiência de Barcelona, sem se lembrar do peito forte de um urso e de sua hilária voz fina. Madri será memorada pelo incrível e emblemático quadro Guernica do Museu Reina Sofia, como será pela dilatação provocada pelo *poppers*.

Viver e se permitir. Apostando, mesmo que no risco do devir e sua incerteza, que há a felicidade à frente, no instante à frente. O futuro é no minuto seguinte. O hedonismo do “presenteismo” te leva ao risco, mas te leva, também, ao prazer, ao reconhecimento de si pela experiência de estar com o outro. As cidades, junto com as tecnologias de geolocalização, permitiram a errância do nômade brasileiro. Foi no movimento, no caminhar diaspórico, que os prismas se formaram, as imagens surgiram e o imaginário se configurou. As sensações vividas, produtoras de sentido pela experiência sensível configuraram a memória afetiva do viajante.

¹⁵ Um tipo de droga que é inalada, é vaso dilatadora, analgésico e relaxante muscular, o que facilita a penetração no sexo anal.

Referências bibliográficas

DE CERTEAU, Michel. **A cultura no plural**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

_____. Quem precisa de identidade? (in) org. SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.